

**Antonio
Cicero**

**Guardar
a Cidade
e os Livros
Porventura**

PLURAL



**Antonio
Cicero
Guardar
a Cidade
e os Livros
Porventura**

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que pássaros sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo.

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarde um poema.

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

VOZ

Orelha, ouvido, labirinto:
perdida em mim a voz de outro ecoa.

Minto:
perversamente sou-a.

SEGUNDO A TRADIÇÃO

O grande bem não nos é nunca dado
e foste já furtado do segundo:
O resto é afogar-te com o amado
na líquida volúpia de um segundo.

COLONO LACÔNICO

É propício que Afrodite sempre vença as primeiras batalhas
e Atena sempre as últimas.
Hera deve perder.

Jamais regressarei a Esparta.

RAPAZ

Hesitante entre o mar ou a mulher
a natureza o fez rapaz bonito,
rapaz:
pronto para amar e zarpar.

Também ao poeta apraz
o ser rápido e rapace.

CANTO XXIII: DESAFOGO

a Sérgio Luz

A ameaçar as naves do regresso
enquanto os deuses se distraem
o combate prossegue implacável,
os dardos e o bronze a perfurar
órgãos membros e sobretudo a pele
que sonhava acostumar-se a brisas sóis olhos ardentes.

Antes morrer de vez ou viver
que desgastar-se feito agora ante os navios
contra homens ignóbeis

O EMIGRANTE

Buscando o ocidente com o olhar,
que desde sempre foi límpido e grávido,
chegou à terra ao fim de todo mar.
Sem planos certos foi e até sem roupa,
sem cada dia o pão e sem família,
sem nem saber o que era o ocidente,
chegou chorando assim como quem nasce
e o mundo alumbra um segundo e assombra.

TRANSPARÊNCIAS

a Roberto Correia Lima

Venho da praia de um verão onde as ondas rolam redondas e lisas
sobre o mar sem formar espuma
e olhos gulosos engolem glaucas e mornas transparências
goles de luz azul e verde
fazendo inveja à língua aos lábios e à goela

Por que me arrastas por areias sem águas
ou zonas infestadas de feras
ou paludes sombrios
ou friagens cítricas
ou mares coagulados

Por que me queres nessa terra monstruosa e trágica
onde erram poetas e mitógrafos
e nada é certo nada claro

DITA

a Dedé Veloso

Qualquer poema bom provém do amor
narcíseo. Sei bem do que estou falando
e os faço eu mesmo, pondo à orelha a flor
da pele da palavras, justo quando
assino os heterônimos famosos:
Catulo, Caetano, Safo ou Fernando.
Falo por todos. Somos fabulosos
por sermos enquanto nos desejando.
Beijando o espelho d'água da linguagem,
jamais tivemos mesmo outra mensagem,
jamais adivinhando se a arte imita
a vida ou se a incita ou se é bobagem:
desejarmo-nos é a nossa desdita,
pedindo-nos demais que seja dita.

CONFUSÃO

a Mário Lacerda

- 11.1 e era toda a terra uma língua e uma voz em todos
- 11.2 e ocorreu ao moverem-se do oriente acharem uma planície na terra
de Senaar e habitarem-na
- 11.3 e disse homem a vizinho eia façamos tijolos e os cozamos com fogo
e apareceram-lhes tijolos por pedras e cimento foi-lhes o betume
- 11.4 e disseram eia construamos para nós uma cidade e uma torre cujo
capitel chegou ao céu e façamo-nos um nome antes de nos dispersarmos
pela face de toda a terra
- 11.5 e desceu o senhor para ver a cidade e a torre que construíam os
filhos dos homens
- 11.6 e disse eis uma geração e uma língua para todos e começaram a
fazer isso e destarte não estará fora do seu alcance fazer tudo o que
desejarem
- 11.7 eia descendo amarremos sua língua e confundamos sua voz para
que não queiram desejar o que desejam
- 11.8 e os homens disseram eis um senhor que amarra nossa língua e
confunde nossa voz para que não queiramos desejar o que desejamos
- 11.9 multipliquemos pois nossas línguas e nossas vozes para que o
senhor não compreenda as vozes dos homens
- 11.10 e dispersemos-nos daqui pela face de toda a terra e construamos
inúmeras cidades e torres
- 11.11 e multiplicaram os homens suas línguas e dispersaram-se pela face
de toda a terra.

FALAR E DIZER

a Waly Salomão

Não é possível que portentos não tenham ocorrido
Ou visões ominosas e graves profecias
Quando nasci.
Então nasce o chamado
Herdeiro das superfícies e das profundezas então
Desponta o sol
E não estremunha aterrado o mundo?
Assim à idade da razão
Vazei os olhos cegos dos arúspices e,
Fazendo rasos seus templos devolutos,
Desde então eu designo no universo vão
As coisas e as palavras plenas.
Só
Com elas
Recôndito e radiante ao sopro dos tempos
Falo e digo
Dito e decoro
O caos arreganhado a receber-me incontinente.

ORÁCULO

Vai e diz ao rei:
Cai a casa magnífica,
O santuário de Apolo;
Fenece o louro sagrado;
A voz da vidente emudece;
As fontes murmurantes se calam para sempre.
Diz adeus adeus.
Tudo erra, tanto
A terra vagabunda quanto
Tu, planetário.
Criança e rei,
Delira e ri:
Meu sepulcro não será tua masmorra.
Alimenta teu espírito também com meu cadáver,
Pisa sobre estas esplêndidas ruínas e,
Se não há caminhos,
Voa.
Voa ri delira
Nessa viagem sem retorno ou fim.

ÍNDICE

GUARDAR	5
Guardar	11
1	13
Voz	15
Segundo a tradição	16
Colono lacônico	17
Rapaz	18
Canto xxiiii: desafogo	19
O emigrante	20
Transparências	21
Dita	22
Confusão	23
Falar e dizer	24
Oráculo	25
Dilema	26
Minos	27
Cicero	29
2	31
Solo da paixão	33
Onze e meia	34
Cara	35
Inverno	37
Stromboli	38
Felicidade	39
Onda	40
Simbiose	41
Canção da alma caiada	42

Água Perrier	43
De trás pra frente	44
Hotel meio-dia	45
Quase	46
Logrador	47
Maresia	48
Virgem	50
À francesa	51
Elo	52
3	53
Ignorant sky	55
Noite	56
O enigma de Hempel	57
Eu vi o rei passar	58
Narciso	60
O parque	61
Trevo do marinheiro	63
Eco	64
Teofania	65
Templo	67
A CIDADE E OS LIVROS	69
Prólogo	75
O país das maravilhas	77
Museu de Arte Contemporânea	78
Alguns versos	79
A cidade e os livros	78
Merde de poète	82
Proteu	83
Esse amante	84
Don'Ana	85
Francisca	87
Antigo verão	88
O grito	89
Deus ex machina	90
Tâmiris	91
Canção do prisioneiro	92

Canção de Paulo	93
Canção do amor impossível	94
Canto xvii	95
Aufklärung	96
Obsessão 1	97
Obsessão 2	98
A luta	99
Vitrine	100
Nênia	101
História	102
Ônibus	103
Huis clos	104
Medusa	105
Perplexidade	107
Os ilhéus	108
Buquê	109
Declaração	110
As livrarias	111
Sair	112
PORVENTURA	113
Balanço	119
Hora	120
O poeta cego	121
O poeta marginal	122
O poeta lírico	123
Desejo	124
A mulher com crisântemos	125
Auden e Yeats	127
Síntese	128
Diamante	129
Palavras aladas	130
Definição ostensiva	131
Amazônia	132
<i>Nihil</i>	135
Meio-fio	136
Presente	138
Poema	139

O livro de sombras de Luciano Figueiredo	140
Blackout	142
Consegui	144
Leblon	146
O fim da vida	147
La capricciosa	148
Fedra	149
A morte de Arquimedes de Siracusa	150
Na praia	151
Muro	152
Cidade	153
Aparências	154
Prova	155
As flores da cidade	157
Valeu	158
Ícaro	159
Longe	160
3h47	161

COLEÇÃO

PLURAL

POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e XXI que foi Vasco Graça Moura.

GUARDAR A CIDADE E OS LIVROS PORVENTURA
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
© Antonio Cicero

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* de coleção: André Letria
Revisão: Mário Azevedo
Paginação: Magda M. Coelho
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2889-8
Depósito legal: 473821/20
Código de edição: 1024403
1.ª edição: dezembro de 2020

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.impresnacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Antonio Cicero Nascido no Rio de Janeiro em 1945, é formado em Filosofia pelo University College, da Universidade de Londres.

Poeta e ensaísta, publicou três livros de poemas (que aqui se reúnem pela primeira vez) e quatro livros de ensaios. Premiado em muitos destes títulos, é também autor de inúmeras letras de canções, tendo como parceiros compositores nomes como Marina Lima, Adriana Calcanhotto, José Miguel Wisnik ou Lulu Santos.

É, desde 2017, membro da Academia Brasileira de Letras.



I M P R E N S A
N A C I O N A L

COLEÇÃO PLURAL POESIA



ISBN 9789727272889
9 789727 728898